

# Elementos de Documentação

ESPÍRITO SANTO MESQUITA

Trata êste trabalho dos elementos de Documentação. Em virtude, porém, da natureza e finalidade da que interessa ao Serviço Público, deverá ser ela observada principalmente do ponto de vista de seu conceito, importância e comportamento no âmbito administrativo.

Convém, no entanto, antes de iniciarmos seu estudo, analisar o DOCUMENTO em seus amplos aspectos, tecendo comentários em torno de seus radicais históricos e caracterizando, de modo sumário embora, as fases de sua evolução.

Partiremos, por isso, da proposição de que o objeto dêste artigo — DOCUMENTAÇÃO como processo ou como propósito — foi, na mais remota antiguidade, o campo em que ocorreu a primeira manifestação de atividade intelectual, artística e técnica do homem.

De fato, quando êsse homem sentiu a necessidade ou teve a idéia de registrar no plano material, por meio de símbolos, sinais convencionais ou imagens, o respectivo pensamento, pretendendo assinalar dessa maneira alguma impressão ou transmitir uma ordem, instrução e advertência, êle fez, pela primeira vez na história, o que conhecemos hoje por documentação em seu sentido formal.

DOCUMENTAÇÃO é, pois, arte e técnica de criar, compor, conservar, classificar, registrar e divulgar os elementos de informação e comprovação de fatos e idéias, quer interessem êsses elementos o setor da história e das ciências, quer o das artes em geral.

Por isso, o seu melhor conceito é o de que ela está ligada à cultura, à educação, à organização social e à civilização universal (1) e revela, em tôdas as suas variadas formas, a vida e o desenvolvimento do homem em tôdas as épocas.

Segundo Joseph Gauthier (2), professor da Escola de Belas Artes de Nantes, a civilização só pode ser estudada através dos documentos que possibilitam a reconstituição de tôdas as idades, documentos êsses representados, entre outras coisas, pelos restos arqueológicos, pelos elementos artísticos e pelos motivos e símbolos religiosos.

A DOCUMENTAÇÃO não se limita, porém, à atividade de busca, preparação, distribuição, coleta, classificação e arquivamento de documentário escrito. Hoje ela se amplia de tal modo que abrange tôdas as formas de registro e guarda de um lado, pesquisas, divulgação e propaganda, de outro, recorrendo para isso às técnicas da fotografia, da radiodifusão, da imprensa, etc., instituindo em sua órbita órgãos de laboratório, museus e escritório (pesquisa, conservação e administração) todos interessados pelas funções de descoberta, catalogação, conservação e mesmo produção de provas reais ou circunstanciais da vida humana em particular e da sociedade em geral.

E' por intermédio dos seus elementos que se situa o fato no tempo e no espaço. Quando não possuímos a respeito de um povo, numa época qualquer, o documento escrito que comprove sua existência e seus hábitos, reconstituímos sua vida por meio da arte, que é um documento cujo estudo nos permite acompanhar as transformações sociais, averiguando suas causas no passado ou prevendo suas tendências para o futuro.

Vista como documento, a arte realmente permite:

- a) que se determine a característica da sensibilidade artística ou grau de cultura de um povo;
- b) que se identifique as circunstâncias que influíram na produção das obras de arte (material, ferramenta, hábitos, costumes e necessidades) e
- c) que se defina os processos, veículos e oportunidades de infiltração e mesclagem dos povos em tôdas as idades.

No sentido moderno, pois, a DOCUMENTAÇÃO se divide em vários setores de técnicas especiais mas que se congregam num único sistema em virtude de seu dominador comum de propósito.

Assim, os museus, arquivos, imprensa, cinema, órgãos de estatística, institutos de pesquisa e unidades publicitárias, etc., embora dominem técnicas ou processos próprios, recaem no mesmo campo quanto ao respectivo objetivo: DOCUMENTAR.

As primeiras civilizações são de fato DOCUMENTADAS, cronologicamente, pela arte, em primeiro lugar, e pela escritura, em segundo. E' por intermédio dos elementos dessas duas espécies que reconstituímos o ambiente, os recursos estratégicos, os costumes civís, a religião, o progresso en-

(1) PAUL OTLET — *Documentos e Documentação* (Revista do Serviço Público — março-abril de 1946).

(2) JOSEPH GAUTHIER — *História Gráfica del Arte* (Editorial Lem, Buenos Aires — 1944).

fim, das raças e povos de antes da era cristã, como os sumerianos, egípcios, caldeus, assírios, persas, indús, hititas, fenícios hebreus gregos, etruscos, romanos e, também, maias, aztecas e incas.

Mas o que é, afinal, documento?

DOCUMENTOS são tôdas as peças que comprovam fatos, fenômenos e modo de vida ou de pensar, numa determinada era ou relativamente a um grupo. Entre essas peças, as mais importantes são as escrituras, muitas das quais datam de milênios antes de Cristo e são originárias da Suméria, do Egito, da China e da Índia.

Seria, portanto, de grande interêsse a apresentação de um resumo histórico dos instrumentos de *documentação*.

Os papiros, pergaminhos, palimpsexto, tábuas, escritura fenícia, latina ou ulfilana são elementos documentários aliados aos monumentos, estampas, cremâca, armas, utensílios, estatuária, moedas e arquitetura.

Por todos êsses motivos, podemos dizer que a DOCUMENTAÇÃO é, afinal, tôda a forma de registro de fatos e idéias, de acidentes e incidentes, aspectos e impressões; de fixação da vida, do meio e dos hábitos do homem e da sociedade, com tôdas as expressões de sua inteligência.

Na palavra de Paul Otlet, ela se apresenta, ainda, sob as formas *passiva* e *ativa* em tôdas as partes onde se fale, leia, ensine, estude, pesquise, colecion, divulgue, doutrine, informe, administre ou governe. Seus órgãos são o museu, o arquivo, a imprensa, o cinema, a biblioteca, a unidade de estatística, etc., com todos os seus acessórios. E' tudo o que leva o conhecimento gratuitamente (dativa e ativa) ao indivíduo ou colete e guarde êsse conhecimento (receptiva e passiva).

Fazem DOCUMENTAÇÃO o escritor, o gravador, o escultor, o pintor, o fotógrafo, o estatístico, o cinematografista, o arquivista, o homem de museu, o colecionador, o biblioteconomista, o arqueologista, o impressor, etc., desde que existe em Documentação três sortes de elementos que os profissionais citados usam em suas atividades: os *gráficos*, os *intelectuais* e os *materiais*, visando ou realizando o registro de alguma coisa.

Quando os indivíduos viviam em condições primitivas, diz Weise (3), a escritura não lhe era necessária, concentrando-se seu interêsse nas necessidades urgentes e imediatas. Bastavam-lhes, então, a expressão oral e, no máximo, alguns símbolos ou sinais para manifestar a respectiva vontade ou pensamento.

Tôda vez que o homem, em fase rudimentar de desenvolvimento, desejava registrar um fato, revestia-o de uma roupagem poética (4) para que

pudesse gravar-se na mente do povo, transmitindo-se por êsse meio, às futuras gerações. Os contos referentes à luta dos gregos diante de Troia e as vicissitudes de Ulisses ao regressar à pátria, são testemunhos dêsses processo de DOCUMENTAÇÃO ORAL. Durante anos êsses versos foram divulgados pelos bardos profissionais, muito embora já fôsse conhecida a linguagem escrita. Esta, porém, não podia, ainda, substituir a palavra falada. Nesse período da história, a transposição do pensamento para o plano material se limitava à representação de imagens, consistindo a *escrita* simplesmente de sinais e figuras exóticas. Nos primitivos documentos assírios e egípcios encontramos, por exemplo, mãos, olhos, cabeças, patos, cobras, etc., ou caracteres assimétricos.

Na Idade da Pedra, a DOCUMENTAÇÃO é representada caracteristicamente, pelo machado de sílex — comprovação do instrumento de trabalho e do meio de luta. O sintoma primitivo de arte ou de tendência para gravar imagens pode ser, nessa fase, identificado nos desenhos toscos e feitos em peças de osso. Êsses desenhos foram aos poucos aperfeiçoados. Passaram dos simples círculos concêntricos à representação de imagens (astros, animais, árvores), registrando nesse caso a idéia de movimento e de vida.

Na idade do bronze, surgiram as primeiras armas metálicas. A DOCUMENTAÇÃO relativamente a essa época, encontra subsídios para a reconstituição histórica de uma indústria nascente: a metalurgia. São dessa época os túmulos de Gravinis, de pedra esculpida em baixo relêvo e na idade que se seguiu, isto é, na do ferro, surgiram, conforme os elementos hoje conhecidos através das pesquisas, as moedas, os colares, as decorações de traço e expressão menos tosca.

Datam, porém, da idade do bronze os primeiros monumentos (DOCUMENTÁRIO ARQUITÔNICO): o túmulo feito de grandes pedras dispostas de modo a formar uma mesa: o DOLMEN. Os monumentos monolíticos que surgiram mais tarde compreendem, então, os *menhires* ou blocos de pedra colocados em posição vertical e os *cromlechs* ou recintos sagrados (5).

No campo da pintura, as obras mais antigas datam da era quaternária. Representam animais, principalmente a rena e o bizonte, como os encontrados na parede das grutas de *Cembarelles*, *Fond de Gaume* e *Altamira*, na França.

Cinqüenta séculos antes de Cristo, porém, os traços dos povos primitivos desapareciam e a civi-

(3) OSCAR WEISE — *La Escritura e y el libro* (Editorial Labor S.A. 1935).

(4) O. WEISS — *Op. Cit.* pag. 9.

(5) Encontram-se na Inglaterra, na França, na Dinamarca e na Suécia muitos dêsses monumentos pre-históricos. Estão na França as *Mesas de Locmarquer*, os túmulos de Kornak, as grutas de Dardona, de Causses de Lozeviens e do Vale do Gordon e na Inglaterra, os túmulos de Stonehenge, perto de Salisbury.

lização egípcia entrou em cena (6). Já na idade de bronze possuíam os egípcios um sistema de escrita quase tão desenvolvido quanto o dos povos da Sumeria, seus contemporâneos, mas de caráter diferente. Como a argila do Nilo era menos consistente do que a usada pelos sumerianos para seu registro pictórico das idéias, os egípcios usavam o papiro e enquanto os assírios usavam um instrumento duro e agudo para impressionar em papiro, o egípcio usou o pincel. Em Tell-el-Amarna foram encontrados numerosas cartas trocadas entre Babilônia e Hitita, cartas essas que são o Documentário que lançou luz sobre os problemas sociais e políticos daquela época.

O primeiro passo no sentido da criação da escritura como hoje a praticamos foi o representado com a determinação da forma e do sistema de cada símbolo, mediante um complicado processo ideológico. O fator mais importante, porém, para o desenvolvimento da arte de escrever foi, com o correr dos séculos, a idéia de divisão da palavra em sílabas, dando a cada uma destas um sinal distinto; reduzindo, posteriormente, o número dos sinais necessários à articulação do vocábulo.

Em seguida, devido ao incremento das relações escritas e à necessidade de gravar com mais fidelidade e rapidez o pensamento, simplificaram os povos a forma e a maneira de escrever.

Quanto à procedência da arte de escrever ou dos caracteres empregados na escrita, os eruditos divergem radicalmente. Sethe afirma que é de origem egípcia enquanto Delitzsch a atribui aos babilônios. Outros afirmam que ela deriva do chipriota, e Sayce diz que ela vem do hitita, enquanto Arthus Evan defende sua origem cretense.

Certo, porém, é que aos fenícios se deve a transmissão aos grupos dos conhecimentos da palavra escrita, contribuindo dêsse modo para que a arte se propagasse, atingindo os romanos, os galos, os germânicos e outros povos da Europa.

Não há nada mais significativo, porém, para demonstrar a procedência da escritura como a íntima relação existente entre a forma de escrever dos gregos e as dos fenícios. Ao considerar o alfabeto, esquecemos que essa palavra foi formada com os nomes das duas primeiras letras fenícias: *alph* que significa vaca (alfa, em grego) e *bet* que significa casa (beta, em grego).

Além disso, como estamos acostumados a indicar as letras pelas breves denominações latinas (ce, de, etc.) esquecemos que elas correspondem a nomes greco-fenícios (*gimel* e *gansa* (camelo), *dalet* e *delta* (porta)).

A mesma origem tem o costume grego de escrever da direita para a esquerda, mais tarde substituído pela escrita que muda de direção ao chegar ao final da linha (sexto século A.C. — Luís de Solon).

Cem anos mais tarde é que (quinto século A.C.) se generalizou na África a escritura dirigida da esquerda para a direita.

A partir dessa época, a escrita evoluiu até atingir a fase do cristianismo, quando os pregadores do evangelho difundiram pela Europa os costumes latinos. De então para cá, a mais importante modificação foi a introduzida com a chamada *minúscula Carolingia* que durante os séculos VIII e IX dominou todo o ocidente.

Posteriormente surgiram os estilos conhecidos por *monacal* e *gótico*. Mais tarde surgiu o gênero de letra conhecido por *cursivo* (manuscrito).

Foi o clero que deu mais impulso ao desenvolvimento da arte de escrever, distinguindo-se nessa tarefa os beneditinos e os monges da ordem de São Jerônimo.

A arte da escrita e da leitura era, porém, desconhecida do povo em geral e até mesmo a elite mal a dominava quando não a desconhecia completamente. Surgiram no século XIII, porém, os primeiros manuais de ensino (como o *Modus Legendi* — 1477), surgindo, posteriormente, a necessidade de aperfeiçoar o material utilizado na escrita. Os índios escreviam em folhas de palmeira, os romanos em fibra vegetal (*liber* — donde livro). Os povos antigos utilizavam para escrever, a madeira, a pedra, o bronze, o couro e o papiro. Os costumes de escrever um couro era dos primitivos povos orientais. Nas *peles reais* se registravam as decisões mais importantes dos reis puros. Os gregos também empregaram o couro em sua documentação escrita. Esse material foi, porém, melhorado no princípio do século II antes de Cristo por Eumenes, rei de Pergamo. Desde então, passou a ser conhecido o *pergaminho* cuja técnica de preparação foi levada à Grécia e à Itália e depois ao resto da Europa, pergaminho esse que substituiu o papiro de procedência egípcia.

Seguiu-se ao uso do pergaminho o — do papel, inventado por um chinês, um século depois do nascimento de Cristo. De fato, foi Isai-Loun que conseguiu descobrir o novo material e em 806 o governo chinês criou a primeira fábrica dêsse artigo, que, por intermédio dos árabes, se tornou conhecido dos povos mediterrâneos. Os árabes conheceram o papel em virtude de terem aprisionado dois chineses que os ajudaram a criar em Samarkanda e Bagdad a primeira indústria dêsse material.

Depois da descoberta do papel, descobriu-se a imprensa.

Originariamente as palavras *imprimir* e *oprimir* tinham o mesmo significado, isto é, reproduzir sobre um objeto quaisquer sinais antes provados em forma invertida, na matriz. Esse processo foi usado na antiguidade. Agesilao, para levantar o moral de sua tropa, fez pintar em sua mão a palavra *vitória* e a imprimia no ventre dos animais quando não estava sendo observado, mostrando depois aos seus guerreiros como sinal de bom pre-

(6) H. G. WELLS, *The Outline of History*, Macmillan Company, New York, 1930.

ságio. Esta fórmula foi a empregada nos selos e sineta e cilindros da Babilônia, assim como entre os persas e os gregos. Nas ruínas de Babilônia e de Tebas (Alto Egito) foram encontrados numerosos ladrilhos onde foram estampados por essa maneira várias palavras.

A *xilografia* ou obtenção de impressos com o emprêgo de uma prancha de madeira sôbre a qual se gravava, em relêvo, as letras constitui um progresso notável. Foi empregado pela primeira vez na China onde no século XIV foram impressos muitos livros. Com As Cruzadas, em contacto com o oriente tornou-se conhecida na europa o novo ramo de arte.

O passo decisivo no campo da imprensa foi dado, afinal por João de Gutemberg que inventou o *tipo móvel* e que mediante a prensa podia reproduzir no papel a composição original. Posteriormente, surgiram as grandes impressoras. Os aperfeiçoamentos importantes introduzidos nesse

campo só ocorreram no princípio do século XX. As prensas de ferro datam, porém, do século XVIII.

A mecânica da impressão se transformou, porém, graças à invenção de Frederico Köning que construiu em Londres (em 1811) a primeira máquina impressora, seguindo-se a invenção da rotativa, valendo considerar, também, que a invenção da máquina a vapor e da eletricidade como meios de desenvolvimento de fôrça muito contribuiu para o aperfeiçoamento da imprensa, substituindo o braço humano na manipulação da composição e da impressão.

Anos depois, inventou-se o cinema, o disco, o microfilme, a gravação em fio, etc.

Dêsse breve histórico, retiramos os ensinamentos básicos relativos à evolução dos meios, instrumentos e objetos de Documentação. Trataremos em outra aula do aspecto atual do problema.